

# Comunidades Misericordiosas em saída Missionária

## “O amor de Cristo nos impele” (2 Cor 5,14)

Nossa alegria é “sermos discípulos do Senhor e termos sido enviados com o tesouro do Evangelho”,<sup>1</sup> pois “conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”<sup>2</sup>. Sem essa experiência, não é possível evangelizar a cultura urbana.

Sabemos que “só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem”<sup>3</sup> e que “pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem”<sup>4</sup>. Acreditamos que “o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de se associarem ao mistério pascal de um modo só de Deus conhecido”<sup>5</sup>.

Olhamos para a cultura urbana com a esperança de encontrar nessa realidade uma porta para o Evangelho, exigindo a conversão pastoral de nossas comunidades eclesiais para sermos presença de anúncio e testemunho humilde do Evangelho de Jesus Cristo, cientes de que “Deus habita a cidade” (Hb 11,16)<sup>6</sup>. Suplicamos ao Senhor que nos abra a porta da fé (At 14,27)<sup>7</sup> em meio ao mundo plural e sedento de sentido e vida plena, só alcançáveis em Deus.

O Senhor sempre visita a humanidade: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap 3,20). Cabe especialmente à Igreja, comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo, como “sacramento e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”<sup>8</sup>, guiada pelo Espírito Santo, promover esse encontro da cultura urbana com Jesus, para que todos tenham a vida em abundância que ele veio nos trazer (Jo 10,10).

No trabalho evangelizador o método e o conteúdo não devem ser separados, porque não se trata de sabedoria do mundo, mas da sabedoria de Deus. São Paulo, grande apóstolo das cidades, anuncia o mistério de Deus através da cruz de Jesus Cristo (1 Cor 2,1-5), presente no testemunho da comunidade cristã, que na sua fraqueza faz resplandecer a glória de Deus (1 Cor 1, 26-31). O Espírito Santo que tudo esquadrinha confere à comunidade o pensamento de Cristo (1 Cor 2,10-16).

O Senhor Jesus nos envia e convida a lançar as redes para a pesca em águas mais profundas, sem medo (Lc 5,1-11). É na força de sua palavra que devemos confiar e ousar, formando verdadeiras comunidades de discípulos missionários (At 2,42-47; At 4,32-37), que sejam casa da Palavra, casa do Pão, casa da Caridade<sup>9</sup>, “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14)<sup>10</sup>, propiciadoras da iniciação à vida cristã<sup>11</sup>, comprometidas com os pobres<sup>12</sup>, abertas aos jovens, anunciadoras do Evangelho da família (cf. Francisco, *Amoris Laetitia*) e cuidadoras da casa comum (cf. Francisco, *Laudato si’*).

É a partir das pequenas comunidades eclesiais de vários tipos, que vivem a experiência da fraternidade cristã na diversidade da cultura urbana, sempre na comunhão com toda a Igreja, que se dará a inculturação do Evangelho no meio urbano. A credibilidade da comunidade virá de seu testemunho de comunhão, expresso na liturgia celebrada, na diaconia da caridade fraterna, na martiria da fé e da esperança comprometidas com a justiça do Reino de Deus que começa na história. Enfim, na mistagogia da autêntica vida cristã que se faz missão e profecia.

A comunidade cristã se edifica a partir de Jesus Cristo: “edificados sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas, tendo como pedra angular o próprio Cristo Jesus. Nele a construção toda, bem travada,

vai crescendo e formando um templo santo no Senhor. Nele, vós também sois juntamente edificados para serdes morada de Deus, no Espírito” (Ef 2,20-22). A Igreja vive de Jesus Cristo e é o lugar do encontro com Ele. Precisamos de comunidades eclesiais de discípulos missionários, como nos exorta o Papa Francisco: “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). Precisamos de comunidades de fé acolhedoras: “se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG 49).

A construção da casa da comunidade cristã exige pilares fundamentais já apontados nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015 - 2019), através das denominadas urgências da ação evangelizadora e que conservam toda a sua validade e atualidade. Devem ser retomadas na perspectiva da configuração crescente e dinâmica à pessoa de Jesus Cristo para que tenham a eficácia propiciada pela ação santificadora do Espírito Santo. Somos chamados à santidade como lembrou o Concílio Vaticano II no quinto capítulo da Constituição sobre a Igreja Lumen Gentium. O Papa São João Paulo II na Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte convida à retomada desse capítulo da Lumen Gentium e à eleição da santidade como prioridade pastoral para o início do novo milênio (São João Paulo II, NMI, números 30 a 41). E o Papa Francisco com a Exortação Apostólica Gaudete et Exultate aponta para o chamado à santidade no mundo atual. As nossas comunidades devem ser escola de santidade, propiciando a iniciação à vida cristã como itinerário para formar discípulos missionários (CNBB, Doc. 107).

O Papa Francisco na Exortação Apostólica Gaudete et Exultate nos convida a voltarmos às palavras de Jesus e olharmos para as situações concretas do cotidiano, buscando encarnar aquelas palavras na realidade (GEx 63). Nas bem-aventuranças (Mt 5,3-12; Lc 6,20-23) contemplamos o rosto do Mestre e o seu acolhimento e vivência em nossas comunidades eclesiais representam o anúncio do Evangelho do Reino em meio à cultura urbana contemporânea. O Papa Francisco tem dito por diversas vezes que gostaria de uma “Igreja pobre para os pobres” (EG 198). O caminho passa pelas bem-aventuranças.

### **“Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3)**

Precisamos de comunidades eclesiais que coloquem toda a sua confiança em Deus, assumindo a perspectiva do reino através de uma vida simples, desapegada e solidária com os pobres: “Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42); “entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro...depois era distribuído conforme a necessidade de cada um” (At 4,34-35). Trata-se de superar as ambições, o consumismo e a insensibilidade diante do sofrimento dos pobres, através de uma Igreja constituída por rede de comunidades, animada pela Palavra de Deus expressa nas Sagradas Escrituras, lugar de iniciação à vida cristã, em estado permanente de missão, a serviço da vida plena para todos (cf. DGAEIB 2015 - 2019).

“A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza”, afirmou Bento XVI no discurso inaugural da Conferência de Aparecida (DI 3). Há uma advertência no Documento de Aparecida para que a opção pelos pobres se traduza em gestos concretos, sem atitudes paternalistas (DAp 397). As comunidades eclesiais devem formar para a pobreza de coração indispensável para o seguimento de Jesus: “ser pobre no coração: isto é santidade”<sup>13</sup>.

Devemos fazer uma distinção quando falamos de pobreza na Igreja, como já fez o Documento de Medellín.<sup>14</sup> Há a pobreza carência que ofende a dignidade do ser humano, chegando até a níveis extremos de miséria. Deve ser combatida e superada. Há a pobreza espiritual que é um valor fundamental para todos cristãos e que deve ser buscada e cultivada. Devemos colocar toda a nossa confiança em Deus, buscando em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, ordenando a vida e os bens de acordo com a vontade de Deus. Há a pobreza compromisso, pobreza assumida em solidariedade com os necessitados e como testemunho profético de seguimento de Jesus Cristo, pobreza material. Todos os cristãos devem buscar uma vida simples, austera, livre do consumismo e solidária com os pobres, capaz de partilha de bens. Podemos nos perguntar no nível pessoal: quantos amigos pobres temos? Devemos nos interrogar comunitariamente: o nosso trabalho evangelizador atinge os pobres? A nossa Igreja é “casa dos pobres” como queria São João Paulo II?<sup>15</sup> Sinal de autenticidade cristã é a evangelização dos pobres conforme o programa de Jesus Cristo em Lc 4,16-19.

### **“Felizes os que choram porque serão consolados” (Mt 5,4)**

As comunidades eclesiais são exortadas por esta bem-aventurança a não se conformar com o espírito do mundo e a serem solidárias com todos os sofrimentos humanos, derramando lágrimas e se empenhando na construção de um mundo novo de acordo com o Reino de Deus. A Igreja suplica ao Pai em sua oração litúrgica: “Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se abra à esperança de um mundo novo”.<sup>16</sup> Trata-se, como diz São Paulo, de “chorar com os que choram” (Rm 12,15). O Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a relação da Igreja com o mundo afirma: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.<sup>17</sup> A Igreja está imersa na cultura urbana e deve testemunhar e promover com as suas comunidades em rede a fraternidade cristã, enfrentando os desafios do individualismo e da insensibilidade, promovendo o humanismo integral e solidário.<sup>18</sup> “Saber chorar com os outros: isto é santidade”.<sup>19</sup> Como nos aponta o Papa Francisco em seu magistério, nossas comunidades devem ser capazes de sofrer, rezar e não se conformar com o mal e as injustiças sociais.

### **“Felizes os mansos porque possuirão a terra” (Mt 5,5)**

Numa cultura urbana marcada pela violência e até pelo ódio, consequências das injustiças sociais e de ideologias, as comunidades eclesiais são convidadas a responder com a mansidão, que é fruto do Espírito Santo (Gl 5,23), no seguimento de Jesus: “sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós” (Mt 11,29). Defendemos as convicções da fé cristã com mansidão e coragem (1 Pd 3,16), tratando com caridade os adversários (2 Tm 2,25). O Papa Francisco nos recorda que “a mansidão é outra expressão da pobreza interior, de quem deposita a sua confiança apenas em Deus” (GEx 74) e afirma “reagir com humilde mansidão: isto é santidade” (GEx 74).

A literatura cristã primitiva registra de forma bela e profética o testemunho de mansidão e anúncio do Evangelho das comunidades cristãs, como nesta pérola da Carta a Diogneto, de autor desconhecido do século II: “Os cristãos não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver [...] adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem em sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm a sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas com a sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, desse modo, lhes é dada a vida; são pobres, e enriquecem a muitos; carecem de tudo, e têm em abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida. Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, e aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio. Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo”.<sup>20</sup>

A mansidão cristã não deve ser compreendida como omissão ou insensibilidade social ou alienação. As comunidades eclesiais devem encontrar sempre no Evangelho o ponto de partida para as respostas aos desafios do mundo urbano contemporâneo. O anúncio do Reino por Jesus foi testemunhado por gestos proféticos: “Jesus respondeu-lhes: ‘Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: cegos recuperam a vista, paralíticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa Nova. E feliz de quem não se escandaliza a meu respeito” (Mt 11,4-6). A Igreja reza em sua liturgia, dirigindo-se ao Pai com os olhos fixos em Jesus: “Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas”.<sup>21</sup> A Doutrina Social da Igreja afirma a primazia da dignidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, a destinação universal dos bens, que relativiza e subordina o direito de propriedade, enfatizando sua função social. Portanto, a mansidão cristã aponta para a promoção da cultura da vida em toda a realidade urbana, enfrentando os desafios da violência, da moradia, da população em situação de rua, da população encarcerada, dos migrantes e refugiados, das crianças e dos idosos, da juventude e da família, do mundo do trabalho, da educação, da saúde, do transporte, do ambiente acadêmico universitário, da ciência e da tecnologia, dos meios de comunicação social e da ecologia (lixo, saneamento, água potável, poluição industrial, desmatamento, destruição de encostas e deslizamentos, atividade mineradora criminosa, ceifadora de vidas humanas e destruidora da natureza, como ficou evidente nos rompimentos de barragens de rejeitos em Mariana e Brumadinho). Trata-se de cobrar políticas públicas de inclusão social, de participação nos conselhos de cidadania, de promoção da democracia direta e participativa, de incentivo a práticas de economia popular, solidária e sustentável, dentro daquela perspectiva da ecologia integral proposta pelo Papa Francisco na *Encíclica Laudato si'*,<sup>22</sup> afirmando a vocação política dos cristãos leigos e leigas como “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14). A posse da terra pelos mansos implica testemunho do amor cristão e luta em defesa da dignidade de cada um e de todos os seres humanos e da beleza da criação de Deus.

**“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6)**

Sendo as bem-aventuranças expressão do rosto de Jesus, caminho e conteúdo da evangelização, devemos buscar nos sentimentos de Jesus a sua origem: “tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus” (Fl 2,5). No alto da cruz Jesus clamou: “Tenho sede!” (Jo 19,28). De que tem sede Jesus? De que têm sede as nossas comunidades eclesiais? Que sede está presente na cultura urbana? Diante da samaritana Jesus pediu: “Dá-me de beber” (Jo 4,7). O Senhor Jesus tem sede da entrega confiante a Ele de nossas comunidades eclesiais e de nosso empenho missionário. O Senhor tem sede de que sejamos uma Igreja servidora, samaritana, pobre para os pobres. Foi o que uma multidão de santas e santos perceberam ao longo da história da Igreja, como Santo Agostinho, São Bernardo de Claraval, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Calcutá, a Beata Irmã Dulce, Santo Oscar Romero. As nossas comunidades eclesiais têm fome e sede de justiça (Mt 5,6)? Esperamos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça” (1 Pd 3,13)? Não é isso que o Espírito Santo diz hoje às nossas Igrejas pela boca do Papa Francisco: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se torne um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação”?<sup>23</sup>

As nossas comunidades eclesiais se reúnem em torno das mesas da Palavra e da Eucaristia. A mesa está no centro da celebração da fé cristã. É sempre ato comunitário, que exige presença, acolhida das pessoas, cuidado e afeto pelos outros. A Eucaristia é memorial da Páscoa do Senhor, banquete fraterno, penhor da vida definitiva. Bem celebrada, transforma as pessoas em discípulos missionários de Jesus Cristo e testemunhas do Evangelho do Reino em meio à cultura urbana contemporânea. Na liturgia ouvimos o convite do Senhor: “Quem tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água vivificante” (Ap 22,17). Deve ser a celebração dos sedentos e famintos de justiça e conferir às nossas comunidades eclesiais credibilidade existencial, antropológica, afetiva e missionária em meio à cultura urbana fragmentada e sedenta de sentido. Jesus tem sede de nos entregar o Espírito Santo, consumação do dom de sua vida. O Espírito Santo é a “água viva” (Jo 7,37-39) da qual o coração do ser humano tem sede. A comunidade transformada pelo Espírito Santo converte-se ao Senhor Jesus e a liturgia da Igreja louva ao Pai “por Cristo, com Cristo, em Cristo”.

As comunidades eclesiais devem ser casa da Palavra, casa do Pão e também casa da Caridade. Não há caridade sem justiça, embora a caridade ultrapasse a justiça. A justiça é fidelidade à vontade de Deus em todas as circunstâncias da vida e deve se concretizar especialmente no compromisso com os sofredores: “aprendei a fazer o bem, buscai o que é correto, defendei o direito do oprimido, fazei justiça para o órfão, defendei a causa da viúva” (Is 1,17). Assim, os problemas sociais e os desafios ecológicos da atual cultura urbana têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades eclesiais numa postura de serviço, de diálogo, de respeito à dignidade da pessoa humana, de defesa dos excluídos e marginalizados, de busca da justiça e do bem comum, de cuidado com o ambiente na perspectiva da antropologia ecológica apontada pelo Papa Francisco na *Laudato si'*. “Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade”.<sup>24</sup>

### **“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7)**

A misericórdia é “o coração pulsante do Evangelho”.<sup>25</sup> Afirma o Papa Francisco que “o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada”,<sup>26</sup> sendo determinante para a credibilidade da Igreja em seu serviço evangelizador. No juízo final<sup>27</sup> todos seremos julgados precisamente a propósito da misericórdia: “Pois eu estava com fome, e me destes

de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me” (Mt 25,35-36). Para São João Paulo II este texto do Evangelho é mais que convite à caridade, é página de cristologia que permite contemplar o mistério do Cristo.<sup>28</sup> Por fidelidade ao Mestre Jesus Cristo as nossas comunidades eclesiais devem ser casa da caridade e da misericórdia na sua prática cotidiana e no empenho para que tenhamos sistemas sociais, políticos, econômicos e culturais justos, promotores do bem comum e da inclusão de todos sem discriminações.

Alerta-nos o Papa Francisco para as mutilações do coração misericordioso do Evangelho promovidas por ideologias<sup>29</sup> e nos recorda o culto que realmente agrada a Deus.<sup>30</sup> Precisamos cultivar verdadeira vida de oração. Oração e ação não se opõem. Exigem-se e alimentam-se mutuamente. Na oração redescobrimos a nossa dignidade de filhos de Deus e somos conduzidos à práxis da misericórdia em meio à realidade da cultura urbana. Na práxis da misericórdia poderemos nos encontrar e trabalhar com muitas pessoas de boa vontade e instituições que não partilham de nossa fé cristã, mas cultivam autênticos valores humanos. O nosso ideal de santidade não pode desconsiderar os desafios da atual cultura urbana: “Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo, onde alguns festejam, gastam folgadoamente e reduzem a sua vida às novidades do consumo, ao mesmo tempo que outros se limitam a olhar de fora enquanto a sua vida passa e termina miseravelmente” (GEx 101). Também o engano do consumismo hedonista, presente na cultura urbana, promove o fechamento egoísta voltado para a reivindicação de direitos à diversão e utilização do tempo livre, que afastam da austeridade da vida e da dedicação e solidariedade para com os que sofrem e são marginalizados. A utilização sem discernimento dos meios de comunicação social nos alienam da dor dos outros: “O próprio consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos. No meio deste turbilhão atual, volta a ressoar o Evangelho para nos oferecer uma vida diferente, mais saudável e mais feliz” (GEx 108).

A Igreja não é a comunidade dos perfeitos, mas dos pecadores perdoados. Devemos ter consciência da misericórdia de Deus para conosco e sermos embaixadores de sua misericórdia em meio à cultura urbana. Além da solidariedade para com os que sofrem, traduzida em gestos concretos, devemos ser embaixadores do perdão. Devemos formar comunidades de discípulos missionários abertos ao diálogo, à acolhida, à compreensão, comunidades compassivas. Comunidades dispostas a percorrer um caminho de discernimento espiritual, buscando a verdade do Evangelho e o bem possível, e não de meros aplicadores rígidos da lei, conforme nos exorta o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* e de acordo com o Evangelho da misericórdia (cf. Lc 15). Devemos estar dispostos a “acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”.<sup>31</sup> “Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade”.<sup>32</sup>

### **“Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8)**

O Senhor quer nos dar um coração novo (Ez 36,26), sincero, transparente, desarmado, coerente, com reta intenção, conduzido pelo Espírito Santo. Um coração com motivações purificadas, que faz o bem por amor como diz São Paulo no hino à caridade: “Se eu falasse as línguas dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor, eu seria como um bronze que soa ou um címbalo que retine. Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se tivesse toda a fé, a ponto de remover montanhas, mas não tivesse amor, eu nada seria. Se eu gastasse todos os meus bens no sustento dos pobres e até me entregasse como escravo, para me gloriar, mas não tivesse amor, de nada me aproveitaria” (1Cor 13,1-3). Esta simplicidade e pureza de coração é graça que precisa ser continuamente suplicada ao Espírito Santo em nossas comunidades: “Ó Espírito Santo,

dai-me um coração grande, aberto à vossa silenciosa e forte palavra inspiradora, fechado a todas as ambições mesquinhas, alheio a qualquer desprezível competição humana, compenetrado do sentido da santa Igreja! Um coração grande, desejoso de se tornar semelhante ao coração do Senhor Jesus! Um coração grande e forte para amar a todos, para servir a todos, para sofrer por todos! Um coração grande e forte para superar todas as provações, todo tédio, toda cansaço, toda desilusão, toda ofensa! Um coração grande e forte, constante até o sacrifício, quando for necessário! Um coração cuja felicidade é palpitar com o coração de Cristo e cumprir humilde, fiel e corajosamente, a vontade do Pai. Amém” (São Paulo VI).

Podemos considerar também aqui a religiosidade popular na sua simplicidade e pureza de expressões.<sup>33</sup> Em meio à cultura urbana está presente a religiosidade popular como afirmação da própria identidade e sinceridade da fé dos simples, expressa sobretudo nos gestos. Passagem bíblica emblemática nesse sentido é a da pecadora que, na casa de Simão, o fariseu, expressa o seu amor a Jesus através das lágrimas e do toque (Lc 7,36-50). O que a acolhida formal e educada de Simão não alcançou, foi concedido aos gestos simples e sinceros da mulher: a experiência da misericórdia de Deus. “Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade”.<sup>34</sup>

### **“Felizes os promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9)**

A paz é fruto da justiça (Is 32,7) e do amor, postula uma ordem justa. A construção da paz é tarefa permanente do cristão, que não é simplesmente um pacifista, mas promotor da paz pelo amor, que é a alma da justiça.<sup>35</sup> Trata-se, antes de tudo, de dom de Deus: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é à maneira do mundo que eu a dou” (Jo 14,27). A rejeição da paz é rejeição do próprio Deus: “A paz com Deus é o fundamento último da paz interior e da paz social. Por isso mesmo, onde a paz social não existe, onde há injustiças, desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, rejeita-se o dom da paz do Senhor; mais ainda, rejeita-se o próprio Senhor (Mt 25,31-46).”<sup>36</sup> A paz “não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário de forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens”.<sup>37</sup>

Sem dúvida, a Igreja anuncia o “evangelho da paz” (Ef 6,15), que é Jesus Cristo em pessoa (Ef 2,14), mas isso não significa ignorar ou deixar de enfrentar os desafios da violência explícita ou institucionalizada pelas injustiças sociais em nossa cultura urbana. Afirma o Papa Francisco: “A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras. Também seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres, de modo que aqueles que gozam dos maiores benefícios possam manter o seu estilo de vida sem sobressaltos, enquanto os outros sobrevivem como podem. [...] A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética”.<sup>38</sup> Portanto, as nossas comunidades eclesiais são interpeladas a não ignorar os conflitos da cultura urbana, através de omissão insensível, bem como a não se tornarem prisioneiras da conjuntura conflitual,<sup>39</sup> mas a enfrentar o conflito como pacificadores (Mt 5,9) num processo de diálogo que contribua para a paz fundada na justiça.<sup>40</sup> “Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade.”<sup>41</sup>

### **“Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10)**

Num mundo marcado pelo pecado, não há como seguir Jesus Cristo fielmente sem assumir a cruz, suportando com paciência e mansidão a resistência ao Reino de Deus, configurando-nos sempre mais, pela graça do Espírito Santo, ao mistério pascal do Senhor. Nossas comunidades eclesiais devem crescer no seguimento de Jesus, aceitando as humilhações cotidianas, desde as situações cruentas de martírio até as mais diversas perseguições, agressões e calúnias. Somos chamados a vencer o mal pelo bem (cf. Rm 12,17-21). As humilhações nos farão crescer na humildade e na configuração ao Senhor: “Cristo sofreu por vós deixando-vos um exemplo, para que sigais os seus passos” (1 Pd 2,21). Nessas situações, como os apóstolos, devemos cultivar a alegria: “alegres por terem sido considerados dignos de injúrias por causa do santo Nome” (At 5,41). Não devemos ter medo se sofremos por causa do Evangelho, pois não estamos sozinhos: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). E pelo Espírito Santo temos a certeza da fé de que nada “será capaz de nos separar do amor de Deus, que está no Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,39).

### **Vivendo a Santidade na Comunidade de Fé para a Evangelização da Cultura Urbana**

Não haverá evangelização da cultura urbana sem o testemunho de santidade. O caminho da santidade passa pela comunidade eclesial que procura viver no espírito das bem-aventuranças evangélicas. Reafirmemos o nosso compromisso com o Reino de Deus e a evangelização da cultura urbana, sendo uma Igreja que tem como pilares de sua ação: ser uma comunidade de comunidades, em estado permanente de missão, atenta à iniciação à vida cristã, espaço de animação bíblica da vida e da pastoral, a serviço da vida plena para todos, em meio à cultura urbana contemporânea!

Como a Virgem Maria, atenta às pequenas coisas da vida cotidiana, procuremos formar comunidades de discípulos missionários de Jesus, fiéis à vontade do Pai, na dinâmica do Reino que Jesus anunciou: “A que é semelhante o reino de Deus e com que poderei compará-lo? Ele é como a semente de mostarda, que um homem pega e atira no seu jardim. A semente cresce, torna-se uma grande árvore, e as aves do céu fazem ninhos nos seus ramos. Jesus disse ainda: com que poderei ainda comparar o reino de Deus? Ele é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado” (Lc 13,18-21).

*Cônego Lauro Sérgio Versiani Barbosa*

<sup>1</sup> V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida, n. 28.

<sup>2</sup> *Ibidem*, n.29.

<sup>3</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, n. 22.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> FRANCISCO. *Lumen Fidei*, n.50 - 57.



- <sup>7</sup> BENTO XVI. Porta Fidei, n.1.
- <sup>8</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium, n.1.
- <sup>9</sup> CNBB. Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia, Doc. 100.
- <sup>10</sup> CNBB. Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade, Doc 105.
- <sup>11</sup> CNBB. Iniciação à vida cristã, Doc. 107.
- <sup>12</sup> FRANCISCO. Evangelii Gaudium, n.197 - 201.
- <sup>13</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate, n.70.
- <sup>14</sup> II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Medellín, 14.
- <sup>15</sup> SÃO JOÃO PAULO II. Novo Millennio Ineunte, n. 50.
- <sup>16</sup> MISSAL ROMANO. Oração Eucarística VI-D: Jesus que passa fazendo o bem.
- <sup>17</sup> GS 1.
- <sup>18</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio de Doutrina Social da Igreja, n.5.
- <sup>19</sup> FRANCISCO. Gaudete et Exsultate, n. 76.
- <sup>20</sup> PADRES APOLOGISTAS. Carta a Diogneto, n. 5 e 6, p. 22 e 23.
- <sup>21</sup> MISSAL ROMANO. Oração Eucarística VI-D: Jesus que passa fazendo o bem.
- <sup>22</sup> FRANCISCO. Laudato si', n.137.
- <sup>23</sup> FRANCISCO. Evangelii Gaudium, n.27.
- <sup>24</sup> FRANCISCO. Gaudete et Exsultate, n.79.
- <sup>25</sup> FRANCISCO. Misericordiae Vultus, n.12.
- <sup>26</sup> Ibidem.
- <sup>27</sup> Mt 25,31-46.
- <sup>28</sup> SÃO JOÃO PAULO II. Novo Millennio Ineunte, n. 49.
- <sup>29</sup> FRANCISCO. Gaudete et Exsultate, n.100 - 103.
- <sup>30</sup> FRANCISCO. Gaudete et Exsultate, n.104 - 109.
- <sup>31</sup> FRANCISCO. Amoris Laetitia, n.291 - 312.
- <sup>32</sup> FRANCISCO. Gaudete et Exsultate, n.80.
- <sup>33</sup> V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida, n.258 - 265.

<sup>34</sup> FRANCISCO. Gaudete et Exsultate, n. 86.

<sup>35</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Gaudium et Spes, n.78.

<sup>36</sup> II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Medellín, n. 2.14.

<sup>37</sup> SÃO PAULO VI. Populorum Progressio, n. 76.

<sup>38</sup> FRANCISCO. Evangelii Gaudium, n. 218.

<sup>39</sup> Ibidem, n. 227.

<sup>40</sup> Ibidem, n. 239.

<sup>41</sup> FRANCISCO, Gaudete et Exsultate, n. 89.

*<https://arqmariana.com.br/noticia/2905/comunidades-misericordiosas-em-saida-missionaria> em 22/08/2019 18:08*